

SAYAKA MURATA

# Terráqueos

Tradução do japonês  
Rita Kohl



Estação Liberdade

Título original: *Chikyu seijin* (地球星人)

© Sayaka Murata, 2018

© Editora Estação Liberdade, 2021, para esta tradução

Direitos para a tradução em português acordados com a Shinchosha Publishing Co., Ltd., através da Japan Uni Agency, Inc., Tóquio

PREPARAÇÃO Thaisa Burani

REVISÃO Huendel Viana

EDITORA ASSISTENTE Caroline Fernandes

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR RESPONSÁVEL Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M947t

Murata, Sayaka, 1979-

Terráqueos / Sayaka Murata ; tradução Rita Kohl. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2021.

288 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Chikyu seijin*

ISBN 978-65-86068-24-5

1. Ficção japonesa. I. Kohl, Rita. II. Título.

21-69352

CDD: 895.63

CDU: 82-3(52)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

15/02/2021 18/02/2021

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

[www.estacaoliberalidade.com.br](http://www.estacaoliberalidade.com.br)

# 地球星人



## 1

Nas montanhas de Akishina, onde fica a casa do vovô e da vovó, alguns pedaços da noite não somem nunca, mesmo durante o dia.

Enquanto o carro subia pelas curvas fechadas da estrada muito íngreme, eu via as árvores se agitando do lado de fora da janela e observava a parte debaixo das folhas na ponta dos galhos, tão carregados que pareciam prestes a arrebentar. Era ali que se escondia a escuridão perfeitamente negra. Eu sempre sentia vontade de esticar o braço e tocar essas trevas da cor do espaço sideral.

A meu lado, minha mãe afagava as costas de minha irmã mais velha.

— Tudo bem, Kise? Você sempre enjoa quando tem muita curva, e essa estrada aqui de Nagano é terrível...

Meu pai dirigia em silêncio. Fazia as curvas bem devagar, evitando balançar o carro, e ficava observando o estado de minha irmã pelo retrovisor.

Eu já estava no quinto ano do fundamental, tinha onze anos, sabia me cuidar sozinha. A melhor coisa para não enjoar no carro é olhar, do lado de fora da janela, para os fragmentos de espaço sideral. Eu descobri isso quando estava no segundo ano e, desde então, nunca

mais enjoei nas estradas acidentadas de Nagano. Minha irmã, dois anos mais velha do que eu, ainda era muito criança e, sem a mão materna afagando suas costas, não suportaria essa viagem.

A estrada subia e subia, em curvas fechadas, os ouvidos apitavam, e dava para sentir que a gente estava cada vez mais perto do céu. A casa de minha vó ficava muito próxima do universo.

Dentro da mochila que eu levava apertada contra o peito estavam minha varinha mágica de origami e o espelho mágico transformador. E, por cima de tudo, sentava-se Piyut, meu fiel companheiro, que foi quem me deu esses objetos mágicos. Piyut foi enfeitiçado por uma organização do mal e por isso não falava língua de gente, mas ele cuidava de mim e me ajudava a não enjoar no carro.

Minha família não sabia, mas eu era uma menina mágica. Encontrei Piyut no supermercado em frente à estação quando eu tinha seis anos e frequentava o primeiro ano da escola. Ele estava abandonado num canto da prateleira de bichos de pelúcia. Eu o comprei com o dinheiro que havia ganhado dos meus parentes no fim do ano. Quando chegamos em casa, ele anunciou que eu deveria me tornar uma menina mágica e me deu os objetos mágicos. Piyut era do planeta Powapipinpopopia. Ele tinha sido enviado para a Terra pela Polícia Mágica porque nosso planeta estava correndo perigo. Desde então, eu usava minha magia para proteger a Terra.

A única pessoa que sabia desse segredo era meu primo Yuu. Eu estava com muita saudade dele. Fazia um ano que eu não escutava sua voz, desde o Obon<sup>1</sup> do ano anterior. Todos os anos, nós só nos víamos nesse feriado.

Eu estava usando minha camiseta preferida, anil com estampa de estrelas, que eu tinha comprado com o dinheiro do Ano-Novo anterior e guardado no armário com etiqueta e tudo, para usar só naquele dia.

— Segurem firme — disse meu pai, em voz baixa. Estávamos entrando na maior curva de todas. O carro deu uma guinada, minha irmã soltou um grunhido e cobriu a boca com as mãos.

— Abra a janela para entrar um vento — disse minha mãe.

Meu pai obedeceu imediatamente, e o vidro da janela desceu diante de meus olhos. O vento morno acariciou meu rosto e o cheiro de mato inundou o interior do carro.

— Tudo bem, Kise? Tudo bem?

A voz chorosa de minha mãe ecoava dentro do automóvel. Sem dizer nada, meu pai desligou o ar-condicionado.

---

1. Festival japonês de origem budista durante o qual se acredita que os antepassados retornam para este mundo para visitar suas famílias. Costuma ser celebrado entre os dias 13 e 15 de agosto, embora as datas, assim como os costumes e as cerimônias realizadas, variem entre as regiões do país. No primeiro dia do festival, uma chama é acesa para guiar os espíritos de volta às casas, numa cerimônia chamada de Mukaebi. Outros costumes são preparar um altar dentro de casa com oferendas para os antepassados e visitar seus túmulos para limpá-los e enfeitá-los. [N.T.]

— A próxima curva é a última — disse ele.

Instintivamente, agarrei a frente da minha camiseta. Senti, por baixo do sutiã, um volume que não existia um ano antes. Será que eu tinha mudado muito desde o ano anterior? O que será que Yuu, que tinha a mesma idade que eu, ia pensar ao me ver?

Estávamos quase chegando na casa da vovó, onde meu namorado esperava por mim. Um calor impaciente se espalhou pela minha pele e eu me debrucei para sentir o vento.

Meu primo Yuu era meu namorado.

Não sei quando comecei a sentir isso por ele. Mesmo antes de sermos namorados, eu já gostava dele. Todos os verões nós passávamos o Obon juntos, e mesmo depois que o feriado acabava e Yuu voltava para Yamagata e eu para Chiba, sua presença não diminuía dentro de mim. Era como uma sombra que ia ficando mais e mais densa em minha memória, até que, quando eu já não aguentava mais, o verão chegava de novo.

Eu estava no terceiro ano da escola quando nós começamos oficialmente a namorar. Nesse dia, meus tios tinham feito uma barreira de pedras no riacho que corre diante do arrozal, criando um laguinho até a altura do joelho onde eu e meus primos estávamos todos de maiô, brincando.

— Ah!



Fui derrubada pela correnteza e caí sentada dentro da água.

— Cuidado, Natsuki! No centro do rio a correnteza é mais forte — disse Yuu, com a expressão séria, dando-me a mão.

Eu também tinha aprendido isso na escola, mas não imaginava que acontecesse até num riozinho daquele tamanho.

— Cansei dessa água! Vou brincar lá fora.

Saí para a margem, peguei a bolsinha que tinha apoiado cuidadosamente sobre uma pedra e calcei os chinelos de borracha. Subi direto pela escada ao lado do rio e segui em direção à casa, ainda de maiô. A bolsa estava quente como uma criatura viva, por causa do sol. Enquanto caminhava de chinelos ao longo do arrozal, ouvi passos e percebi que Yuu tentava me alcançar.

— Espere, Natsuki.

— Não enche! — respondi, descontando nele minha irritação.

De repente, Yuu estendeu a mão para o mato, arrancou uma plantinha e a enfiou na boca. Eu fiquei chocada:

— Yuu! Não pode comer mato! Você vai ficar com dor de barriga.

— Tudo bem, isso aqui é azedinha, é uma planta comestível! O tio Teruyoshi me ensinou.

Yuu me passou uma folha que eu levei à boca, desconfiada.

— Nossa, é azedo!

— É, mas é gostoso!

— Onde você pegou?

— Aqui, ó, tem bastante.

Nós andamos por toda a encosta atrás da casa colhendo folhas de azedinha, depois nos sentamos lado a lado para comê-las.

O maiô molhado era desconfortável, mas as folhas de azedinha estavam gostosas. Mais bem-humorada, eu disse:

— Vou te contar um segredo, em troca de você ter me ensinado uma coisa nova.

— Um segredo?

— Então, é que na verdade eu tenho poderes mágicos. Tenho um espelho para me transformar e uma varinha mágica.

— Que tipo de mágica você faz?

— Ah, várias! As melhores são os feitiços para derrotar os inimigos.

— Que inimigos?

— Bem, acho que as pessoas comuns não conseguem ver, mas o mundo é cheio de inimigos. Bruxas do mal, monstros, esse tipo de coisa. Eu preciso lutar contra eles o tempo todo, para proteger a Terra.

Peguei Piyut de dentro da bolsa que eu trazia atravessada por cima do maiô e o mostrei a Yuu. Expliquei que, à primeira vista, Piyut parecia apenas um ouriço-terrestre de pelúcia branco, mas que na verdade ele era um emissário enviado pela Polícia Mágica do planeta

Powapipinpopopia, e que tinha sido ele quem me dera a varinha, o espelho transformador e os poderes mágicos.

— Que incrível, Natsuki! — disse Yuu, com o semblante sério. — Então a gente só vive assim, em paz, porque você está protegendo a Terra?

— Isso mesmo.

— Escuta, e esse planeta Powapi-não-sei-quê, como é lá?

— Eu não sei muita coisa sobre ele. Piyut disse que não podia me contar por uma questão de *confidencialidade*.

— Ah, entendi...

Achei curioso Yuu ter ficado mais interessado pelo planeta do que pela mágica, e examinei seu rosto:

— Por que você queria saber?

— Nada, é só que... Olha, vou te contar, mas não fale pra ninguém, tá? É que talvez eu seja um extraterrestre.

— Quê?! — exclamei, chocada.

— Mitsuko sempre diz isso — continuou Yuu, sério.

— Ela fala que eu sou de outro planeta. Que uma nave espacial me abandonou aqui nas montanhas de Akishina e ela me encontrou.

— É mesmo?!

Mitsuko era a mãe de Yuu. Pensei nessa minha tia, irmã mais nova de meu pai, uma mulher bonita. Ela era tímida e quieta como Yuu, não parecia ser do tipo de pessoa que mentiria ou falaria uma coisa dessas de brincadeira.

— E, também, eu encontrei dentro da minha gaveta uma pedra que eu não lembro de ter pegado em lugar

nenhum. É bem preta, achatada e lisinha, um tipo de pedra que eu nunca vi. Acho que pode ser do meu planeta natal...

— Que demais! Então, eu sou mágica e você é um extraterrestre.

— Bom, mas eu não tenho provas concretas, como você...

— Ah, mas tenho certeza de que você é extraterrestre mesmo. Será que seu planeta natal não é Powapipinpopopia? Seria tão legal! Aí você seria do mesmo planeta que Piyut!

— Será? Se for, eu queria voltar para lá, algum dia.

Levei um susto tão grande que quase derrubei o espelhinho que tinha nas mãos.

— ... voltar?

— Todo ano, quando eu venho passar o Obon aqui, saio escondido para procurar a nave espacial. Mas nunca a encontrei... Você não pode pedir ajuda para Piyut? Pergunte a ele se não podem vir me buscar.

— Ah, não, o Piyut não consegue fazer esse tipo de coisa! — falei, quase chorando. Não conseguia imaginar minha vida sem Yuu. — Então um dia você vai embora?

— Talvez eu vá. Acho que pra Mitsuko também seria melhor assim. Afinal, eu não sou filho dela de verdade, sou só um extraterrestre abandonado.

Eu desandei em prantos. Yuu afagou minhas costas, dizendo ansioso:

— Não chore, Natsuki!

— Eu gosto de você. Não quero que você vá embora!  
— Mas eu acho que uma hora alguém deve vir me buscar. Estou esperando há um tempão...

Suas palavras me fizeram chorar mais ainda.

— Desculpe falar essas coisas, Natsuki... Enquanto eu estiver aqui na Terra, faço o que você quiser. Eu sempre me sinto mais tranquilo aqui na casa da vovó. Acho que é porque aqui eu fico mais perto do meu planeta natal, mas também por estar junto com você.

— Mesmo?... Então eu queria que você fosse meu namorado. Pode ser só até você voltar pro seu planeta.

— Tá bom. — Yuu acatou meu pedido num instante.

— É? De verdade?

— É. Eu também gosto de você.

Nós entrelaçamos os mindinhos e nos prometemos três coisas:

*1. Não contar para ninguém que eu tinha poderes mágicos.*

*2. Não contar para ninguém que Yuu era um extra-terrestre.*

*3. Mesmo depois do verão, não começar a gostar de outra pessoa. Voltar para Nagano no próximo Obon, para nos encontrarmos, sem falta.*

Tínhamos acabado de fazer essa promessa quando ouvimos passos se aproximando. Eu escondi Piyut e o espelho às pressas dentro da bolsa. Era o tio Teruyoshi.

— Ah, vocês estão aqui! Achei que tinham sido carregados pelo rio!

O tio Teruyoshi estava sempre bem-humorado e brincava muito com as crianças.

— Desculpe — dissemos.

O tio deu risada e afagou nossas cabeças.

— Ah, vocês estão comendo azedinha! Você gostou, Natsuki? É bem azeda, mas é gostosa, não é?

— É!

— Se você já gosta de azedinha, é uma verdadeira mulher das montanhas! Vamos lá, a vovó cortou pêssegos para todo mundo e está chamando.

— Eba!

Nós voltamos para casa, atrás dele.

Eu ainda podia sentir onde o dedo de Yuu tinha encostado em meu mindinho. Fui correndo até a porta, tentando esconder meu rosto que ardia. Yuu também caminhava apressado, de cabeça baixa.

A partir desse dia, eu e Yuu nos tornamos namorados. Eu, uma menina mágica, tinha um namorado extraterrestre. Pelo menos até ele voltar para seu planeta.

O hall de entrada da casa da vovó era enorme, do tamanho do meu quarto. Eu sempre ficava um pouco desorientada ao entrar ali.

— Ó de casa! — gritou minha mãe, enquanto meu pai continuava quieto.

A casa tinha cheiro de frutas, uma mistura de pêsego e uvas, além de um leve odor de animais. Os vizinhos criavam vacas, mas a casa deles ficava muito longe, então talvez esse cheiro viesse de nós mesmos, os humanos.

— Oh, bem-vindos! Passaram muito calor?

A porta *shoji*<sup>2</sup> se abriu e uma mulher de certa idade, provavelmente uma tia, nos recebeu. Eu não tinha certeza se a conhecia ou não. Como a gente só visitava aquela casa uma vez por ano, no Obon, eu nunca conseguia decorar quem eram todos os adultos.

— Kise, Natsuki, como vocês estão grandes!

— Ah, puxa, não precisava ter trazido nada!

— Natsuko deu um mau jeito nas costas e não vai poder vir este ano...

Minha mãe foi cumprimentando, uma por uma, as várias mulheres de meia-idade vagamente familiares, que falavam todas ao mesmo tempo. Eu sabia que aquilo ia demorar bastante e disfarcei um suspiro. Todas trocavam mesuras, ajoelhadas, com as cabeças quase tocando o chão.

O vovô e a vovó apareceram de dentro da casa, apoiados em um homem de meia-idade.

— Obrigada por virem até aqui! — disse minha avó, curvando a cabeça para minha mãe.

Meu avô olhou para mim, estreitou os olhos em um sorriso e exclamou:

---

2. Painéis ou portas de correr estruturados em madeira e recobertos com papel translúcido. [N.T.]

— Como você cresceu, Misako!

— Vovô!! Essa é Natsuki — exclamou uma tia, dando tapinhas em suas costas.

— Oi, gente! Vocês demoraram, hein? Pegaram trânsito? — perguntou o tio Teruyoshi a meu pai, animado.

Do tio Teruyoshi eu me lembrava bem, porque ele sempre conversava bastante com as crianças.

— Ei, meninos, Kise e Natsuki chegaram!

Obedecendo ao chamado, três meninos se aproximaram, sem jeito. Eram os três filhos de Teruyoshi, meus primos. Estavam sempre aprontando alguma e todos os anos levavam bronca dos adultos. O mais velho, Yota, era dois anos mais novo que eu e devia estar no terceiro ano da escola.

Os primos nos olharam como animais ariscos. Eu reconheci os três, mas estavam um pouco diferentes das imagens que tinha na memória. Sabia que eram meus primos, mas seus elementos faciais pareciam ter se espalhado pelos rostos, os narizes estavam maiores, seus corpos tinham outras proporções.

Eu nunca me esquecia de meu namorado Yuu, é claro, mas sempre ficava um pouco desorientada ao reencontrar todos os meus primos e seus filhos. Nós passávamos as férias de verão juntos, nos divertindo bastante, mas, depois de um ano inteiro, já havia se criado certa distância quando nos reencontrávamos.

— Vamos, não fiquem sem jeito só porque elas ficaram mais bonitas!



Os comentários dos adultos só pioravam a situação, fazendo Yota e seus irmãos recuarem ainda mais, constrangidos.

Eu os cumprimentei e eles responderam com um oi arrastado e tímido.

— Yuu já chegou! Ele estava chateado, perguntando por você a toda hora.

Quando tio Teruyoshi disse isso, minhas costas se agitaram sob a mochila. Disfarcei e respondi fingindo desinteresse:

— Ah, é? Onde ele está?

— Hum, não sei... Até agora há pouco estava fazendo lição de casa ali no canto.

— Ele não está no sótão? Yuu adora aquele sótão.

Quem disse isso foi Saki, uma prima bem mais velha do que eu. Ela era alta e tinha um bebê nos braços. Saki era a mais velha das três filhas da tia Ritsuko, que era a primogênita entre os irmãos de meu pai. Todas as suas filhas já estavam casadas.

Era a primeira vez que eu via aquele bebê. Era estranhíssimo pensar que essa pessoa não existia até um ano antes e agora havia surgido daquele jeito. A menina agarrada às pernas da Saki devia ser Miwa, que no ano anterior era um bebê.

Se já era difícil decorar quem eram os primos de idade próxima da minha, dos filhos desses primos eu praticamente não tinha nenhum registro. Todo ano, precisava aprender tudo de novo. Eu só imitava minha mãe e curvava a cabeça para cada nova pessoa que aparecia.

— Ué, cadê Mitsuko?

— Lá na cozinha!

— E Yuu, onde se meteu? Ele ficou o dia inteiro perguntando por Natsuki... Será que cansou de esperar e foi tirar um cochilo? — perguntou tia Ritsuko.

Tio Teruyoshi deu risada:

— Yuu sempre fica grudado com Natsuki!

Eles deviam falar a mesma coisa todos os anos. Mas, agora que nós éramos namorados, o assunto me deixava constrangida. Fiquei fitando o chão, em silêncio.

— Verdade, quando estão juntos esses dois parecem gêmeos — disse outra tia.

Todo mundo dizia que eu não me parecia com minha irmã nem com meus pais, mas que era igualzinha a Yuu.

— Ei, não fiquem aí parados na entrada! Kise e Natsuki, vocês devem estar cansadas, né? Entrem logo! — disse uma tia gorducha da qual eu não tinha nenhuma memória, batendo palmas.

— É, vamos lá — assentiu meu pai.

— Deixem suas coisas lá em cima. Pode ser no quarto do fundo. Os Yamagatas vão ficar no da frente. Esse do fundo os Fukuokas estão usando, mas vai ser só por uma noite, vocês podem ficar juntos, né?

— Claro, claro. Obrigado — respondeu meu pai, descalçando os sapatos para entrar. Eu me apressei atrás dele.

Na casa da vovó, as pessoas se referiam às várias famílias pelo nome das províncias onde cada uma morava. Esse era mais um motivo pelo qual eu não conseguia

decorar quem eram todos aqueles homens e mulheres. Por que não usavam os nomes de verdade? Certamente todos eles tinham algum.

— Kise, Natsuki, primeiro temos de cumprimentar os antepassados!

Eu e minha irmã obedecemos e fomos para a sala onde ficava o altar familiar *butsudan*. Eu e Yuu chamávamos esse cômodo de “sala do altar”. Ele ficava entre a sala de estar e a cozinha. Na casa da vovó só tinha um corredor, que levava ao banheiro. Os outros seis cômodos do térreo — incluindo a sala de estar, as duas salas principais e a cozinha — eram todos conectados por portas de correr de madeira, os *fusuma*. A sala do altar não era grande, tinha seis tatames, mais ou menos do tamanho do meu quarto no novo bairro residencial onde vivíamos em Chiba. Yota a chamava de “sala dos fantasmas” para assustar seus irmãos, mas eu me sentia muito tranquila lá dentro. Talvez porque sentisse que os meus antepassados estavam olhando por mim.

Meus pais acenderam um incenso cada um, depois eu e Kise fizemos o mesmo. Na nossa casa em Chiba não tinha um altar assim, eu também nunca tinha visto nenhum nas casas dos meus amigos. Era só naquela casa, ou em templos, que eu sentia o perfume de incensos. Eu gostava daquele cheiro.

— Ei, Kise, você está bem?

Depois de acender o incenso, minha irmã ficou encolhida, de cabeça baixa.

— Nossa, o que aconteceu com ela?

— Parece que enjoou na estrada.

— Puxa vida!

— Quando a criança não está acostumada com essas curvas...

As tias deram risada. Devia ter uma ou duas primas entre as mulheres de meia-idade que escondiam a boca com a mão e riam sacudindo o corpo. Eu tinha mais de dez primos só do lado paterno, não conseguia me lembrar do rosto de todos. Acho que ninguém perceberia se mais um extraterrestre se infiltrasse entre deles.

De repente, minha irmã levou as mãos à boca.

— Tudo bem, Kise?! — exclamou minha mãe, que acariciava suas costas.

— Puxa vida... Mas, se vomitar, você melhora! — disse uma tia.

— Desculpem, com licença.

Minha mãe acompanhou minha irmã até o banheiro, curvando a cabeça pelo caminho para se desculpar.

— A estrada é tão ruim assim, é?

— É que essa menina é muito fraquinha! Se viesse a pé, não enjoava...

Reparei que Kise, abraçada por minha mãe, lançou um olhar em nossa direção.

— Papai, não quer ir também, pra ajudar? — sugeri.

Eu tinha pena de minha irmã porque ela não tinha Piyut, como eu. Kise precisava da companhia dos pais.

— Não, tudo bem — respondeu meu pai.

Mas assim que ouviu ao longe o choro de minha irmã, correu atrás delas.

Fiquei um pouco aliviada depois que os dois foram cuidar de minha irmã.

Certa vez li em um livro da biblioteca da escola a expressão “família coesa”, e ela ficou marcada em minha memória. Sempre que via meus pais e minha irmã juntos, lembrava-me dessas palavras. Quando eu não estava, eles ficavam com muito jeito de família. Então eu achava que, às vezes, era bom deixar os três sozinhos — só a família coesa.

Já que eu era uma garota mágica, aprendi com Piyut um feitiço para desaparecer. Não para desaparecer de verdade, mas para ficar bem quieta, de um jeito que ninguém repara em você. Quando eu usava esse feitiço, eles se tornavam uma família feliz e unida, de três pessoas. Então eu gostava de usar esse feitiço de vez em quando, por eles.

— Você adora a casa de sua avó, né, Natsuki? — minha mãe sempre comentava. — A Kise não, ela gosta mais de praia do que de montanhas. Igualzinha a mim!

Minha mãe não se dava muito bem com a vovó e se incomodava quando eu me animava demais com a ideia de ir para Akishina. Minha irmã era muito apegada a ela, e, em casa, em Chiba, as duas ficavam sempre falando mal de Akishina. Acho que minha mãe achava minha irmã uma menina bem melhor do que eu.

Peguei minhas coisas e fui sozinha em direção à escada. A ideia de que Yuu devia estar lá em cima me deixava ansiosa.

— Natsuki, você consegue levar tudo sozinha?

— Consigo — respondi, e subi as escadas com a mochila nas costas.

A escada da casa da vovó era muito diferente da escada lá em casa, era quase vertical, tanto que era preciso usar as mãos ao subir. Todo ano, quando subia esses degraus, pensava que era como se eu tivesse virado um gato.

— Vai com cuidado!

Ouvi a voz de uma tia ou prima vinda lá de baixo.

— Tá bom! — respondi sem me virar.

O andar de cima cheirava a tatame e poeira. Fui para o quarto dos fundos e deixei minhas coisas.

Tio Teruyoshi tinha me contado que, antigamente, aquele era o “quarto dos bichos-da-seda”, pois ficava cheio de cestos de bambu, com um monte de ovos de bicho-da-seda dentro. O tio contou que a criação dos bichos começava naquele cômodo e depois, aos poucos, eles iam se espalhando por todo o andar de cima até que, quando encasulavam, já ocupavam toda a casa.

Uma vez eu procurei uma ilustração do bicho-da-seda adulto em um livro da escola. Era grande e muito branco, uma mariposa muito mais linda do que qualquer borboleta. Eu sabia que essas mariposas eram usadas para fazer o fio da seda, mas nunca cheguei a perguntar como faziam isso, nem o que acontecia com os bichos depois. Ficava imaginando a casa tomada por asas brancas esvoaçando. Devia parecer um sonho. Tudo aquilo soava como um conto de fadas, então eu adorava aquele

quarto onde costumavam ficar enfileirados os bebês de bicho-da-seda.

Estava abrindo a porta de correr para sair do quarto dos bichos-da-seda quando escutei o piso ranger de leve em alguma outra parte daquele andar.

Tinha mais alguém ali.

Fui para o cômodo que todo mundo chamava de sótão. Apesar do apelido, ele não ficava acima dos outros cômodos, era só um espaço todo escuro atrás de uma porta de correr, naquele mesmo andar. Ali ficavam guardados brinquedos antigos que tinham sido de meu pai e de seus irmãos, e livros que alguém havia colecionado. Nós, crianças, adorávamos entrar lá para procurar tesouros.

— Yuu? — chamei para o interior do cômodo escuro.

O piso do sótão deixava as solas dos pés imundas, então os adultos sempre mandavam a gente entrar lá calçando os chinelos que ficavam na varanda. Mas eu estava muito impaciente para ir buscá-los, então só tirei as meias antes de entrar na escuridão.

— Yuu? Você está aí?

Vi uma lampadinha acesa e fui em direção a ela. Apesar de ser dia claro, lá dentro estava muito escuro e aquela era a única luz. Um barulho de tecido roçando quase me fez gritar.

— Quem está aí? — disse uma voz, baixinho.

— Yuu! Sou eu, Natsuki — chamei na direção de onde veio a voz, e uma sombra branca surgiu no fundo do sótão.

— Oi, Natsuki.

Yuu estava em pé ali, delineado pela luz fraca.

Eu corri até ele:

— Yuu! Que saudade!

— Shh! — Yuu cobriu minha boca, apressado.

Será que Yuu não crescia muito porque era extraterrestre? O menino à minha frente era igualzinho ao que eu vira no ano anterior.

— Se as tias ou Yota escutarem, a gente tá lascado!

— Verdade, nosso amor ainda é segredo...

Yuu fez uma careta, um pouco envergonhado. Estava escuro, mas aquele era realmente Yuu, com seus olhos castanho-claros e seu pescoço fino.

— Finalmente a gente se encontrou!

— Já faz um ano, Natsuki! Eu também estava com saudades. O tio Teruyoshi falou que você ia chegar hoje, então eu acordei cedo e fiquei esperando. Mas depois ele disse que vocês iam demorar por causa do trânsito...

— Por isso você estava brincando aqui sozinho?

— É, eu não tinha mais nada pra fazer.

O corpo de Yuu não parecia apenas ter parado de crescer, mas até estar encolhendo. Enquanto Yota estava ficando mais forte, o pescoço e os pulsos de Yuu pareciam estar ainda mais finos. Talvez fosse só porque eu mesma tinha crescido bastante, mas ele tinha um aspecto tão frágil que fiquei preocupada.

Agarrei a barra de sua camiseta branca. Meus dedos roçaram sua pele e eu senti de leve o seu calor. O corpo



de Yuu não era muito quente. Será que era por ele ser um extraterrestre? Sua mão estava gelada quando pegou a minha.

— Yuu, este ano você vai poder ficar até o fim do Obon? — perguntei, apertando ansiosamente sua mão fria.

Yuu assentiu com a cabeça.

— Vou. Este ano Mitsuko conseguiu uma folga mais longa e disse que vamos passar o Obon inteiro aqui.

— Ah, legal!

Yuu chamava minha tia, sua mãe, pelo nome. Acho que foi ela quem disse que preferia assim. Tia Mitsuko era a irmã caçula de meu pai e, desde que se divorciara, três anos antes, era apegada ao filho como a um namorado. Yuu me contou que todos os dias ele tinha de dar um beijo na bochecha dela, antes de dormir. Mas eu o fiz prometer que os beijos de verdade seriam só comigo.

— E você?

— Eu também vou ficar até o fim!

— Então a gente vai ficar junto até o último dia! Tio Teruyoshi comprou fogos de artifício bem grandes pra gente soltar.

— Eba, que legal! Eu quero acender o de estrelinha!

Yuu riu baixinho de meu entusiasmo.

— Este ano você também vai procurar a nave espacial?

— Se der tempo, vou sim.

— Mas você não vai voltar pra lá direto, né?

Yuu assentiu com a cabeça.

— Não, prometo que mesmo se eu encontrar a nave não vou embora sem contar pra você.

Soltei um suspiro de alívio.

Yuu dizia que se encontrasse sua nave espacial voltaria para seu planeta e eu sempre insistia para ele me levar junto. Mas ele só respondia que um dia viria me buscar. Yuu era um menino quieto, mas bastante determinado.

Eu tinha a sensação de que ele poderia desaparecer a qualquer momento. Como eu queria ser extraterrestre também... Sentia inveja dele, que tinha um lugar para onde voltar.

— Yota disse que depois ele vai abrir o poço, escondido dos adultos!

— Ah! O poço velho, que está fechado faz tempo? Quero ver!

— Vamos juntos. E o tio Teruyoshi falou que de noite vai levar a gente pra ver vaga-lumes.

— Eba!

Yuu era um menino muito sério e quando se interessava por alguma coisa sempre queria saber mais. Então conversava bastante com o tio Teruyoshi, que sabia tudo sobre a casa e a vila e gostava de falar sobre o assunto.

— Yuu, Natsuki! Venham, tem melancia gelada! — escutamos uma tia gritar.

— Vamos lá?

Nós saímos do sótão ainda de mãos dadas.

— Depois vamos brincar juntos, Natsuki!

— Vamos! — concordei, sentindo o rosto corar.